

# Acidentes pessoais

24-9-44

**Q**UEM se der ao cuidado de percorrer os jornais de grande informação encontrará, todos os dias, uma série de notícias de nós pôr os cabelos em pé. Regista-se, com efeito, em todo o país diariamente, uma injunidade de desastres colectivos e pessoais, em tal abundância, que é impossível sejam inevitáveis.

E, de facto, basta ler cada uma dessas «pequenas» notícias, para logo nos saltar aos olhos uma conclusão: a imprevidência.

O português é impressionante. Afeto, desde criança, à aventura, tomando o gosto pelo risco e pelo impressionismo dos actos arrojados, não toma o necessário cuidado para assegurar, em qualquer hipótese, a certeza do bom êxito dos seus actos.

Não falando no sem número de crianças que morrem, por imprevidência dos pais, de doenças evitáveis ou pelo menos, curáveis, nem do sem número de adultos que se inutilizam antes do tempo pela mesmíssima falta de cuidado com a saúde, quantos morrem ou se atêijam, por esse país fora, escusadamente?

São os desastres de automóvel por excesso de velocidade, por incúria dos piões, ou dos condutores de outros carros, sobretudo de carros de bois que andam sempre fora da mão; são as crianças, que, ficando abandonadas a si mesmas, caem no lume ou nos tanques e nos poços; são os rapazes que, no tempo do calor, arriscam um banho em lugar perigoso ou imediatamente depois das rejeições; são os esmagados pelos comboios só porque se arriscam a passar a linha, convencidos de que o perigo só existe para os outros; são os constantes acidentes com armas de fogo, porque não houve o cuidado de tirar a carga das espingardas, ou se deixaram as mesmas em posição de fogo sem necessidade; são os andaimos mal seguros feitos de tábuas velhas e podres, os aterros escorregadios, os tiros de dinamite nas peareiras e minas, preparados sem a devida precaução e sem a necessária técnica, enfim uma série interminável de causas de desastres por demais conhecidas, mas bem pouco reconhecidas como lição para cada um de nós.

Num certo cemitério da provincia lê-se o seguinte epitáfio: «Aqui jaz fulano, motorista, que exerceu a profissão durante dez anos; acendeu um jôfôro para ver se o depósito tinha gasolina; e tinha». O aviso, o exemplo, a lição, ali ficou a prevenir os outros. Pois não faltam motoristas e não motoristas que repetem a façanha, não seja senão para mostrar que são capazes de fazer uma avaria, como dizem! Mas um dia, os jornais registam um desastre a mais. Ainda há dias, um pobre mineiro foi parar em estado grave ao hospital porque a corda com a qual o puxavam do fundo do poço se partiu! Um desastre, dirão. Mas não haveria o dever de examinar o estado de resistência da corda antes de proceder àquela operação?

E como estes, quantos! Estamos inclinados a afirmar que a grande maioria dos acidentes todos os dias registados se poderiam evitar com um tudo nada mais de cuidado.

E, se destes passarmos, aos acidentes de trabalho, meu Deus, que tragédia de imprevidência, a começar pelo descuido das próprias vítimas e a acabar pela sem-cerimónia com que se montam instalações industriais sem as necessárias precauções de higiene e segurança no trabalho!

A vida é um dom precioso, de que não podemos dispor à nossa vontade, e que devemos respeitar nos outros mais do que tudo o resto. Torna-se portanto necessária uma intensa e bem organizada campanha contra o desastre motivado por imprevidência. Não basta, porém, uma campanha

qualquer. Artigos de jornal, folhetos de propaganda também não são suficientes. Só uma organização que resolva a tomar este assunto entre mãos poderá levar a bom termo a luta contra a morte desastrosa.

Lembro-me perfeitamente da excelente e sugestiva campanha lançada, há 15 anos, pelos organismos operários da Bélgica, sobretudo pelas grandes organizações católicas contra o acidente de trabalho, distribuindo milhares de folhetos, quadros, gravuras, postais, folhas soltas, enchendo as fábricas de quadros educativos afixados por tôdas as paredes, fazendo sessões de propaganda, etc. O resultado desta persistente campanha tornou-se notório imediatamente, tendo as estatísticas acusado uma enorme diminuição de casos.

Entre nós, o assunto poderia ser encarado pelos Sindicatos Nacionais. Eles que existem e ordinariamente possuem meios financeiros bastantes, porque motivo não se lançam em campanhas desta natureza que redundariam num grande beneficio colectivo?

Aqui fica a sugestão. Ao menos seria uma realização interessante, digna de organismos que defendem os interesses operários. E defender os seus interesses não é só pedir aumento de salários, mas também elevar o nível cultural dos seus associados, e torná-lhes a vida mais segura, mais bela e mais feliz.

ABEL VARZIM.

Com publico  
balho.  
lão da  
A. T.  
para s  
actual  
poração  
Trigo de  
A sal  
com ban

pop  
er  
C  
reall  
Avei  
trac

098